



ENCONTROS DEMOCRÁTICOS

C I C L O D E D E B A T E S



OS NOVOS CRIMES SEXUAIS E A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER

Palestras de **DANIELLE MUÑOZ**
MARIANA SILVA FERREIRA e ÂNGELA LUPO



Encontros Democráticos são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

Os novos crimes sexuais e a violência psicológica contra a mulher

Foi como parte das comemorações do Dia Internacional da Mulher - 8 de março de 2019 - que lideranças e militantes do PSD debateram esses temas em Encontro Democrático realizado naquele mês. Transmitido on-line pela página do Espaço Democrático no Facebook, o evento foi dirigido pela coordenadora nacional do PSD Mulher, Alda Marco Antonio, e pela senadora suplente Ivani Boscolo, e teve palestras de três especialistas nos temas: as médicas Danielle Muñoz e Mariana Silva Ferreira, e a psicóloga Ângela Lupo.

Legista, sexóloga criminal e professora da Academia de Polícia de SP, Mariana Ferreira é fundadora da ação social Pródigs (Ação Pró-Dignidade Sexual). Ela demonstrou em sua palestra que o Brasil vive atualmente uma situação mais positiva do que no passado, pois há uma crescente consciência da gravidade de agressões sexuais e o progressivo abandono pelas vítimas da cultura de esconder a violência.

Por sua vez, Danielle Muñoz, legista que coordena o Núcleo de Sexologia Forense do Instituto Médico Legal (IML) de São Paulo, explicou como funciona o Programa Bem-me-Quer, uma parceria entre o Instituto Médico Legal e o Hospital Pérola Byington. Danielle também é professora da Academia de Polícia Civil do Estado de São Paulo e dos cursos de especialização em Medicina Legal da Faculdade de Medicina da USP e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. O Bem-me-Quer oferece atendimento multidisciplinar às mulheres vítimas de violência sexual e mantém um banco de perfil genético de agressores sexuais que tem ajudado a identificar responsáveis por agressões em série.

Ângela Lupo, psicóloga pós-graduada em Psicopatologia e Psicossomática que atua no Ambulatório de Violência Sexual e Aborto Legal do Hospital Pérola Byington, em São Paulo, falou sobre a violência psicológica contra as mulheres, destacando a importância de não se julgar as atitudes das vítimas. "Muitas vezes, mulheres que sofrem esse tipo de agressão são criticadas pela passividade ou até acusadas de gostarem da situação", recordou, explicando que os impactos da violência psicológica são muito complexos.

Boa leitura.



ALDA MARCO ANTONIO: Amigas, amigos, vamos começar um dia muito importante para nós, mulheres. Já está se tornando tradição, aqui no PSD, que neste Dia Internacional da Mulher o Espaço Democrático cede todo o seu aparato, cede a data, para um assunto que interessa a nós, mulheres. Quero, então, em primeiro lugar, agradecer ao diretor-superintendente da fundação, João Francisco Aprá, e ao coordenador de Comunicação do Espaço Democrático, jornalista Sérgio Rondino, que sempre comanda essas reuniões e esses debates e hoje me dá a grande honra de fazê-lo. Muito obrigada também pela presença masculina. Queremos que os homens tomem conhecimento de todos os assuntos que nós tratamos e venham conosco na luta contra o retrocesso e contra a barbárie.

Setenta e uma mulheres foram assassinadas no Brasil só no mês de janeiro, por feminicídio comprovado. Maridos, ex-maridos, companheiros e ex-companheiros. Nós, mulheres, não podemos aceitar - e os homens também não - o retorno à

barbárie, que parece ser o caminho do Brasil. Para tratar dessas violências, temos hoje, aqui, três cientistas, três mulheres que dão orgulho a todos nós. Uma delas é a doutora Mariana Silva Ferreira, médica legista e sexóloga criminal, professora da Academia de Polícia de São Paulo e fundadora da Ação Social Pró-DIGS - Ação Pró-Dignidade Sexual.

Outra convidada é a doutora Daniele Muñoz, médica legista, coordenadora do Núcleo de Sexologia Forense do Instituto Médico Legal de São Paulo, professora da Academia de Polícia Civil do Estado de São Paulo e dos cursos de especialização em Medicina Legal da Faculdade de Medicina da USP e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

E temos também a psicóloga Ângela Lupo, pós-graduada em Psicologia Psicossomática. Trabalha no Hospital Pérola Byington, completamente afeita às questões que nos afligem. Muito obrigada a todos pela presença. Agora, eu passo o comando para a nossa senadora suplente, Ivani Boscolo.

SETENTA E UMA MULHERES FORAM ASSASSINADAS NO BRASIL SÓ NO MÊS DE JANEIRO POR FEMINICÍDIO COMPROVADO. MARIDOS, EX-MARIDOS, COMPANHEIROS E EX-COMPANHEIROS. NÓS, MULHERES, NÃO PODEMOS ACEITAR - E OS HOMENS TAMBÉM NÃO - O RETORNO À BARBÁRIE, QUE PARECE SER O CAMINHO DO BRASIL”.

Alda Marco Antonio



IVANI BOSCOLO: Quero agradecer pela presença de todos e dizer que hoje é um dia em que provavelmente todas vocês receberam uma mensagem de parabéns via Whatsapp ou Facebook, com florzinhas, beijinhos, bombons, mas hoje o PSD Mulher quer mais que isso. Nós não vamos dar para nenhuma de vocês nem beijinho, nem chocolate, nem florzinha. Nós vamos dar a oportunidade de discutir um problema seriíssimo que atinge a todas nós, mulheres, um problema que está presente na sociedade brasileira e nós queremos discutir e tentar eliminar, ou pelo menos diminuir. Por isso é que temos essas três fantásticas mulheres que vão falar para a gente. Muito obrigada de novo e a palavra é toda de vocês. Quem começa?





MARIANA SILVA FERREIRA: Boa tarde. Quero primeiro agradecer à doutora Alda pelo convite e dizer que estou lisonjeada em poder participar deste evento num dia tão importante - o Dia Internacional da Mulher. Agradecer a Ângela, pois foi dela a indicação para que eu fosse convidada. A doutora Daniele é a nossa coordenadora do Núcleo de Sexologia Forense. Vocês imaginem o trabalho que essa mulher faz. Ela coordena o núcleo que atende todos os casos de violência sexual de São Paulo, todas as vítimas vivas de São Paulo vão para esse núcleo e ela é responsável por coordenar todo esse serviço que, acreditem, é muito difícil, não só pelo aspecto da violência em si, mas pela parte administrativa também. E lembrando que o Núcleo é 100% feminino, são

todas mulheres, então é um trabalho muito bonito que ela realiza.

Eu estou aqui hoje para falar com vocês a respeito dos novos crimes sexuais. Não sei se vocês acompanharam um pouquinho a legislação nos últimos anos, mas algumas coisas aconteceram em relação à violência sexual, em relação aos direitos da mulher, da criança e do adolescente, nesse sentido.

Quero começar com a lei base, com a lei principal, que é a 12.015, que trata do estupro. Eu vou mostrar para vocês o título e o capítulo, para que entendam o quanto a legislação relacionada à violência sexual muda ao longo do tempo, conforme a cultura da época. Essa legislação é de 2009, as alterações são de 2009, nós temos como título

“NÃO EXISTE “SÓ” QUANDO SE TRATA DE VIOLÊNCIA SEXUAL. A PENETRAÇÃO É UMA PRÁTICA MAIS INVASIVA, MAS A GENTE CONHECE VÍTIMAS QUE PASSARAM OUTROS TIPOS DE PRÁTICAS E QUE A CONSEQUÊNCIA PSICOLÓGICA/EMOCIONAL É DEVASTADORA. PORTANTO, LEMBRANDO: ESTUPRO NÃO É SÓ PENETRAÇÃO VAGINAL, NÃO É SÓ PENETRAÇÃO ANAL - ESTUPRO É TUDO”.

Mariana Silva Ferreira

Dignidade Sexual e capítulo *Liberdade Sexual*, mas nem sempre foi assim. Ao longo dos anos isso foi mudando. Por exemplo, no Código do Império a gente tinha como termo a segurança da honra, não era o indivíduo em si, não era a vítima em si, mas a honra de uma família, a honra de um chefe de família. Então, quando uma mulher era vítima de estupro, naquela época, o que se manchava era a honra de um chefe da família. Pouco importava a liberdade ou a dignidade sexual da mulher. E a gente encontrava na legislação termos muito pejorativos em relação aos crimes sexuais. Por exemplo, “mulher honesta”, “mulher virgem”. Ou seja, se não fosse uma “mulher honesta”, na época, ela não poderia denunciar um estupro. Então, vejam como a legislação vai mudando ao longo do tempo, de acordo com a sociedade.

E o artigo que rege o estupro é o 213, que é relacionado a constranger alguém mediante ameaça ou grave ameaça ou violência sexual, ter conjunção carnal ou praticar ato libidinoso, ou permitir que com ele se pratique. Conjunção carnal: a definição médico-legal é a entrada do pênis na vagina. Ato libidinoso é qualquer prática sexual que promova a libido no praticante. Por que isso é importante? Porque, ainda nos dias de hoje, muitas pessoas não consideram como estupro o que não seja penetração. Ou seja, se não houve penetração do pênis na vagina, não houve estupro. Hoje não, as outras práticas fazem parte do artigo e são penalizadas da mesma forma.

Então, não existe aquilo: “Ah, mas só passou a mão, só fez sexo oral”. Não existe “só” quando se trata de violência sexual. A penetração é uma prática mais invasiva, mas a gente conhece vítimas que passaram outros tipos de práticas e que a consequência psicológica/emocional é devastadora. Portanto, lembrando: estupro não é só penetração vaginal, não é só penetração anal - estupro é tudo.



E quando se trata de criança, nós temos o artigo 217-A, que trata especificamente da prática sexual com menores de 14 anos. Lembrando que temos definições diferentes em relação à criança. A gente tem a definição do ECA (*Estatuto da Criança e do Adolescente*), com 12 anos de idade, e a gente tem da OMS, a Organização Mundial de Saúde, com 10 anos de idade. Então, esse índice, esse número, varia.

Mas é importante que a gente saiba que, quando se trata de prática sexual com criança, o crime que se pratica é o **estupro de vulnerável**, esse é o nome do crime, que é o 217-A, e ele tem uma pena de reclusão maior do que o 213. E o 217-

A não se aplica apenas a menores de 14 anos, mas a pessoas vulneráveis também, que não tenham capacidade de se autodeterminar - por exemplo, uma pessoa embriagada ou intoxicada com o "Boa Noite, Cinderela", como a gente vê em muitos casos. É um estupro de vulnerável. Nos casos de pessoas que estão sedadas em hospitais, acamadas, estão em coma, também se trata de estupro de vulnerável.

Também me perguntam muito sobre o crime de pedofilia, porque eu trabalho com prevenção ao abuso sexual infantil. Eu tenho uma ação social chamada **Pródigs**, que vem de pró-dignidade sexual, porque, como a gente tem os crimes contra

a dignidade sexual, a ação é pró essa dignidade. As pessoas acreditam que exista um crime específico chamado crime de pedofilia, mas não existe. O termo a gente usa popularmente, "mais uma vítima de pedofilia, mais um pedófilo". Na mídia, principalmente. Bastou ter abuso sexual de uma criança, uma prática sexual com uma criança, que automaticamente a gente considera crime de pedofilia ou vítima de pedofilia, mas na verdade é uma vítima de violência sexual infantil. Pedofilia é o nome de uma doença psiquiátrica em que o indivíduo portador dessa doença tem preferência sexual por crianças, pelo corpo infantil. Se vocês forem procurar no Código Penal não há nenhum artigo lá escrito: crime de pedofilia. Então, o pedófilo, que é aquele indivíduo que tem preferência sexual por crianças, ou o abusador sexual de crianças, que são coisas diferentes, quando ele realiza práticas sexuais com uma criança, está praticando o crime de estupro de vulnerável, que é o indivíduo com menos de 14 anos de idade.

E estamos vivendo um momento muito positivo, por incrível que pareça. E eu vejo as pessoas pessimistas, reclamando: "Nossa, a violência sexual contra a mulher, contra a criança, parece que está aumentando". Será que está realmente aumentando? Quando a gente era criança, será que a gente ouviu falar de alguma criança que foi abusada? Ou de alguma mulher que foi estuprada? Por quê? Porque era um segredo social. Tem até um artigo que se chama "Abriram a Caixa de Pandora", um artigo sobre pedofilia, que sempre foi um segredo social. As pessoas sabiam, mas ninguém fazia nada, ninguém falava nada. As próprias famílias acobertavam os abusos para preservar as crianças, para preservar a família.

Uma das coisas que eu mais escuto das vítimas - porque eu tenho muito contato com as vítimas fora do IML, fazendo o meu trabalho social - o que mais escuto das vítimas adultas, vindo conversar

comigo, é: "A coisa que mais me dói é saber que todo mundo sabia e ninguém fez nada". Isso é muito comum. E realmente muitas pessoas sabem e não fazem nada. Mas agora a gente entrou numa fase em que o foco é na vítima. Estamos pensando mais a respeito da vítima, em todos os sentidos - legalmente, socialmente, nas redes de proteção. Nós estamos mudando a visão em relação a ela.

O último Anuário da Segurança Pública, que tem o título "O visível e o invisível em relação à violência contra a mulher", contém os últimos dados que a Segurança Pública lançou. Está disponível publicamente na internet, é só fazer o download - não há nenhum dado restrito, está disponível para todas as pessoas. E eu gosto muito de um artigo escrito pela Samira Bueno e a Valéria Scaranzi, que são pessoas extremamente atuantes na área. Elas demonstram qual a percepção da população em relação à violência contra a mulher.

Percebam que a gente tem aqui, em relação ao assédio, à violência sexual, 43% dos brasileiros viram homens abordando mulheres na rua de uma forma abusiva, de uma forma de intuito sexual. E olhem só: em relação às mulheres de 16 a 24 anos de idade, 66% sofreram algum tipo de assédio no último ano. 66% é bastante, não é? Mas a gente imagina que seja bem mais, que sejam dados subestimados, como todos os dados em relação à violência sexual são subestimados. Todos. Muitas ouviram comentários desrespeitosos, 15% foram abordadas de maneira agressiva numa festa ou balada, ou foram agarradas ou beijadas sem consentimento.

O que antes era visto como algo positivo pelas mulheres, pelos homens - "Nossa, foi abordada por um homem". Muitas mulheres se sentiam lisonjeadas porque eram abordadas, eram agarradas. É outra geração que está chegando agora, uma geração que não vê mais dessa forma o "fiu-fiu", o puxão de cabelo na balada, o beijo na boca

forçado. Não são mais vistos da mesma forma que há algumas décadas, não muito atrás - 20 anos.

Basta ver televisão. Vocês assistem televisão? Já viram no canal Viva as novelas que estão reprimando? Basta ver as novelas. Viram Tieta? Tinha o coronel que tinha o quê na casa dele? As suas cabritinhas. Lembram das cabritinhas? E quem eram as cabritinhas? Eram as meninas pobres que a família não tinha condição de sustentar, então doavam para o coronel dar uma boa vida. E ele dava uma boa vida? O que vocês lembram, quem tem mais de 18? Mas o que era, basicamente? Ele colocava no colo - lembram daquela cena? Lembro que eu era criança e aquilo já me incomodava, e eu não sabia o que era. Mas eu achava muito esquisito aquele senhor, ele era muito velho, com aquelas meninas adolescentes. Era muito asqueroso. Asqueroso, o termo é esse. E no colinho ele ensinava a tabuada, e enquanto ele ensinava as lições de casa, a tabuada, e enquanto ele ia ensinando ia abusando dessas meninas. E ele abusava sexualmente dessas meninas. A minha mãe assistia, meu pai assistia e eu nunca ouvia um comentário como: "Nossa, que coisa absurda, que horror". Eu nunca ouvia um comentário desse. Por quê? Porque isso era socialmente aceito.

Essa realidade hoje não é mais aceita. E olha que interessante, o dado que eu mais gosto do último Anuário: o que essas vítimas fizeram? A quem elas recorreram? E aí bate naqueles dados do Ipea (*Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*), da subnotificação da violência, não só sexual, mas violência contra a mulher: 10,3% das vítimas denunciaram. Se a gente for ver os últimos números da Segurança Pública, a gente tem uma variação, nos últimos cinco anos, de 45 mil a 61 mil casos de estupro por ano. São números altos, mas correspondem a apenas 10% da realidade, 90% das vítimas não denunciam. E por que será que elas não denunciam? Já pararam para pensar?

O Disk 100 tem, desde 2011, uma lista grande de números mostrando o perfil das denúncias. 78% das denúncias feitas ao Disk 100 correspondem a menores de 14 anos de idade. 78%. Então, se a gente pensa que 10% das vítimas denunciam e 90% não denunciam, de 61 mil casos, a gente tem conhecimento apenas de 10% dessas crianças e pré-adolescentes que estão sendo vítimas de abuso sexual dentro de casa. Porque a maior porcentagem de vínculo em relação à faixa etária é em relação às crianças. Quanto maior o vínculo, maior o nível de violência sexual contra essas crianças.

Novas leis: o que há de novo? A gente já falou da lei base, de algumas curiosidades em relação à legislação. Mas nós temos a lei 12.845, que é de 2013. Não é uma lei tão nova assim, mas poucas pessoas conhecem. É a **Lei do Minuto Seguinte**, que fizemos em 2013 e não fez muito sucesso. Por isso, no finalzinho do ano passado foi lançada uma campanha para chamar a atenção da população para ela. O que diz a Lei do Minuto Seguinte? Diz que a vítima de violência sexual tem prioridade de atendimento nos hospitais, que a vítima não pode ser recusada porque foi estuprada.

Não é incomum a gente ouvir relatos a respeito disso, mas é importante que a vítima saiba que tem direito a todo atendimento assistencial. Assim que bate na porta de um hospital, ela não pode ser recusada. Ela tem direito às medicações e a todo tipo de assistência. Se ela estiver machucada, ela tem direito ao tratamento das lesões, ela tem direito à internação. Então, essa é uma prioridade.

A lei 13.718, que é mais recente, é do finalzinho do ano passado, tem a tipificação dos crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro. E estabelece cláusula de aumento de pena para certas condições, incluindo o estupro coletivo e o estupro corretivo. É muito importante

que a legislação tenha trazido esses dois fundamentos em relação aos termos, que é o coletivo e o corretivo.

Lembram daquele rapaz que ficou famoso porque encoxou - o famoso encoxar - uma moça num ônibus ali na avenida Paulista? E que, além de encoxar, ejaculou na moça e aí houve toda uma mobilização, pararam o ônibus, foi um auê? Chamaram a polícia e o rapaz foi levado à delegacia. E a imagem que mais viralizou foi a dele saindo da delegacia. E aí todo mundo ficou revoltadíssimo. Como é que deixaram esse rapaz sair da delegacia, sendo que ele já tinha outros BOs pelo mesmo motivo? Não era a primeira vez que ele ia para uma delegacia por ter encoxado e abusado sexualmente de alguém. E aí fizeram até uma charge do juiz que viralizou, porque o juiz disse o quê? "Não é crime o que ele fez". E aí a população ficou mais revoltada ainda. Aí fizeram essa charge brincando com o juiz, ele batendo o martelo e dizendo: "Isso não é crime".

Aí houve todos aqueles questionamentos: "Mas esse juiz tão tem irmã? Não tem mãe? Não tem filha? E se fosse com a mãe, com a esposa dele,

será que ele diria que não é crime também?". Mas eu pergunto a vocês: o juiz estava certo ou estava errado? Na época, ele estava certo, legalmente ele estava certo. Por quê? Porque quando esse rapaz realizou essa prática, esse abuso sexual, ainda não existia uma legislação que tipificasse esse tipo de conduta. A gente tinha o quê? Pelo artigo 61, era considerado uma infração penal, não um crime. Uma infração penal. E quando alguém comete uma infração penal ele paga multa - a pena é multa, não é detenção, reclusão. Então a gente tinha: "Importunar alguém num lugar público, ou acessível ao público, de modo ofensivo ao pudor". Essa é a prática do encoxador. Só que, até então, realmente ele não podia prender esse rapaz.

Lembram quando eu falei para vocês que a legislação em relação aos crimes sexuais vai mudando conforme a população vai mudando? Pois é, houve uma mobilização tão grande, tão violenta nas redes sociais, que os juristas foram cobrados e olha só o que aconteceu: criou-se, então, um crime. Tipificou-se esse tipo de conduta. Não é mais uma infração penal, agora é crime, e um crime chamado de **importunação sexual**. Então,



toda vez que alguém passa por esse tipo de abuso, de violência, está sendo vítima de um crime de importunação sexual. O que diz o texto? “Praticar com alguém e sem a sua anuência” - vejam que não tem violência ou grave ameaça, diferente do estupro, as pessoas confundem isso também - “ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou de terceiros”. Então, agora a gente tem um crime específico para isso. Já tivemos detenções de indivíduos, aqui em São Paulo inclusive. Um mês depois que saiu a legislação a gente teve a primeira prisão em relação ao crime de importunação sexual.

E por que isso é tão importante? Porque é um avanço. Como eu falei para vocês, há 20 ou 30 anos a gente não estaria aqui falando sobre isso, seria uma besteira e nem seria permitido falar sobre isso. Lembro que uma senhora veio falar comigo assim: “Ah, doutora, isso aí é um exagero. Sinto muito, imagina criar um crime, tornar crime uma prática tão normal, tão antiga”. Eu falei: “Mas por que a senhora acha tão normal?” Ela falou assim: “Eu sempre fui encoxada, nunca me incomodou”. Falou que isso é coisa de mulher feia. Porque o que acontece? Porque eles só querem encoxar as mulheres que são bonitas. Então, as mulheres feias estão incomodadas - isso uma mulher me falando. “Não são encoxadas, então elas têm inveja das bonitas que são encoxadas”. Ali acabou a minha condição de dialogar, porque eu vi que não havia como avançar em nada, mas olha que interessante: mulheres que já passaram por isso ainda veem como algo natural, normal.

Vocês têm ideia de quando foi lançado o primeiro ônibus em São Paulo, há quanto tempo existe transporte coletivo - o ônibus a gasolina, não o bonde? Pasmem, 1908. Então, vamos deduzir que desde 1908 as mulheres vêm sendo encoxadas no transporte público. Por que só em 2018 isso deixou de ser natural e começou a causar estra-

nheza? Porque a sociedade mudou, porque as mulheres mudaram. “Não, não é mais normal me encoxar. Não, não vou permitir que você faça isso comigo mais, porque isso não pode, tem que parar”. E é só assim que a legislação muda, quando a sociedade e a população se movimentam. Se nós não nos movimentarmos, a legislação não vai mudar. E essa é uma prova recente a respeito disso. Bastou uma movimentação na internet, nas redes sociais, para surgir um crime que antes era só uma infração penal.

A legislação agora também fala da divulgação de cena de estupro ou de vulnerável ou de cena de sexo ou pornografia. Então, isso também agora está tipificado em detalhes. Fala que é crime, através de qualquer meio, oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir - olha o Whatsapp aí, gente - vender ou expor à venda, distribuir, publicar ou divulgar. Se você tem uns vídeos no seu celular porque você recebeu de “N” grupos - porque os grupos gostam de mandar barbaridades, absurdos - por favor, denunciem ou simplesmente excluam dos seus arquivos, porque só o fato de disponibilizar e ir passando de um para outro já é crime - você acha que não tem nada de mais passar de um grupo para o outro, mas tem.

E o que não se pode disponibilizar, trocar, divulgar, fornecer, enfim? Fotografia, vídeo ou outro registro audiovisual. “Outro registro audiovisual” - isso é muito amplo. Do quê? Do que contenha cena de estupro, ou estupro de vulnerável, ou que faça apologia ou induza à sua prática. Quantas pessoas vêm falar comigo e dizem assim: “Nossa, recebi um vídeo de uma criança sendo estuprada”. Por favor, gente, tem que denunciar, não pode passar para a frente, isso tem que ser denunciado, nós temos serviços de denúncias em relação aos crimes digitais. Não pode ficar assim. Ou divulgar, sem o consentimento da vítima, cenas de sexo, nudez ou pornografia. Isso

vem desde a lei da Carolina Dieckmann, que teve suas imagens divulgadas.

E temos as condições de aumento de pena. Em quais situações? Quando a gente tiver autoridade sobre a vítima, quando for estupro coletivo ou corretivo, quando a violência resultar em gravidez, quando transmitir doença sexualmente transmissível, quando for pessoa idosa ou deficiente. Então, agora está definido, existe aumento de pena.

Agora vou explicar o que é estupro coletivo e o que é corretivo, como citamos antes. O estupro coletivo é quando ocorre a partir de dois indivíduos, então tem aumento de pena. E quem é que sofre o estupro corretivo, vocês têm ideia? São as pessoas transexuais, os homossexuais. Porque o agressor estupra aquele indivíduo para tentar mudar a sua condição: “Estou te estuprando porque você é assim e eu quero que você não seja mais assim, porque eu não te aceito”. Esse é o estupro corretivo. Tem uma influência de poder muito grande, mas sempre relacionado a uma punição, por um ato.

E alguém aqui já ouviu aquela expressão: “Ah, mas também, né, estava fazendo o quê no ponto de ônibus, às onze horas da noite, só de shortinho? Merecia ser estuprada”. Então, quem estupra está fazendo uma correção, um estupro corretivo. Existem várias justificativas para o estupro, não é? - a forma como se comportou, a roupa que usou... Mas tem uma pesquisa do Ipea, de 2013 se não me engano, que fala da percepção da população em relação ao comportamento da mulher vítima de estupro. Deu uma polêmica na época essa pesquisa, mas perguntava assim: Você acha que uma mulher que se comporta de tal maneira merece ser estuprada? Você acha que uma mulher que se veste de tal maneira merece ser estuprada? A maioria das pessoas respondeu que sim. Se a mulher soubesse se comportar, ela não teria sido vítima de estupro. E vejam que não são só

homens que respondem, não. São mais de três mil entrevistados e, a maioria, mulheres.

Agora, a lei 13.621, também de 2018, que altera a 3.689 dando prioridade - é muito importante - à realização de corpo de delito. Em quais situações? Violência doméstica e familiar, violência contra a criança, o adolescente e o idoso ou pessoa com deficiência. Então, aqui está embutida a violência sexual. Existem vários tipos de violência, dentre elas a violência sexual. Então, é importante saber que existe uma prioridade do corpo de delito nessas condições. Isso também é novo, super-recente. Se agora, na delegacia, existe a prioridade de atendimento, existe também a prioridade do encaminhamento para que se faça a perícia de corpo de delito.

Eu tenho tido muito contato com delegados e delegadas atualmente e percebi que existe também uma mobilização diferente em relação a essas questões. Estão mudando também a forma de enxergar as vítimas, especialmente crianças, adolescentes e a mulher. Está melhorando.

E aí, por fim, a lei 13.431 e o decreto-lei 9.603, também recentes, que falam do depoimento especial, da escuta especializada em relação à violência sexual contra a criança e o adolescente e à garantia dos direitos dessa criança e desses adolescentes. Em que sentido? A legislação está vindo com o intuito de melhorar o atendimento dessa vítima em todos os sentidos. Esse profissional que está na delegacia está sendo capacitado para que possa entrevistar uma criança com redução de danos, ele está aprendendo técnicas para perguntar, para ouvir, sem induzir a criança a uma resposta, dependendo da faixa etária, e sem causar nenhum dano emocional e específico para essa criança.

Então, imaginem só, estamos tendo delegados comprometidos com isso - em sentar e ouvir uma criança, e entender como a cabecinha dela fun-

ciona. Então, isso é um avanço gigantesco, gente. Parece que não. A gente vê a violência todos os dias, parece que nunca acaba e parece que só aumenta. Mas não, a gente está avançando muito, não só legalmente, mas os profissionais que trabalham com isso também estão mudando de conduta, porque o nosso foco também está se direcionando à qualidade do atendimento e à redução de danos para que a gente possa dar um atendimento de qualidade a essa vítima, mas não só o atendimento, mas para que a gente trabalhe contra a impunidade.

A gente tem que atender bem a vítima, mas também precisa identificar o agressor. Porque se a gente não identifica o agressor ele vai continuar a agredir inúmeras outras vítimas. A gente tem que trabalhar nos dois lados e é isso o que estamos tentando fazer no nosso trabalho como médicas legistas. É uma mudança de olhar, de visão, que está avançando bastante, principalmente nesses últimos dois anos, o avanço foi muito grande.

E para finalizar, apresentando o meu projeto social para vocês, que é o *Pródigs*. É uma ação social sem fins lucrativos de prevenção ao abuso sexual infantil. Depois de tantos anos trabalhando, atendendo essas vítimas no IML, eu percebi que tanto para elas quanto para mim, eu precisava fazer alguma coisa diferente. Então, resolvi trabalhar na outra ponta. Hoje, eu trabalho lá no comecinho, ajudando a prevenir, passando informações de qualidade para que elas não sejam vítimas, na verdade. A ação social tem potencial para atuar em qualquer fase do abuso, mas o preferencial é que a gente inicie antes que o abuso aconteça.

Nosso foco é levar informação de qualidade - todos esses dados que vocês receberam aqui são de pessoas muito capacitadas, estudadas, que sabem muito mais do assunto do que eu mesma - mas a intenção é levar esses dados também para a população de uma forma que ela entenda.

Todo mundo consegue entender isso, depende da forma como você transmite. Não existe informação que só possa ser dada para profissionais extremamente técnicos. A gente consegue passar qualquer informação para qualquer pessoa, basta que a gente queira. E é o que eu tenho feito através dessa ação social. A gente tem trabalhado muito com comunidades carentes. Fizemos o último evento no Morro Doce (periferia pobre de São Paulo)... foi um evento extraordinário. A gente não cobra nada das pessoas para estar com elas e a gente acaba levando todo o material.

Eu costumo brincar quando as pessoas perguntam: "Mas do que você precisa?" A gente precisa de gente para assistir. O resto a gente se vira. Tanto é que em uma dessas escolas a diretora estava superconstrangida, falou assim: "Meu Deus, não tem cadeira para todo mundo". Porque foram chegando, chegando, um fica sabendo, vai chamando as vizinhas e foram chegando. E eu só trabalho com adolescentes e adultos. E aí não sei de onde foram brotando cadeiras. Daqui a pouco estava sobrando cadeira. Uma trouxe um bolo, outra trouxe um refrigerante e ali a gente fez uma festa. Não tinha onde projetar - e eu levo meu projetorzinho para passar as imagens, os filmes e não tinha onde projetar. Aí acharam um lençol branco, estenderam no portão da escolinha e lá a gente conseguiu fazer a apresentação completa, ainda com direito a lanche. Foi fantástico.

Por que eu digo isso para vocês? Porque todo mundo pode fazer isso. Se eu posso fazer isso, vocês também podem. É simples demais. Basta levar o conhecimento de vocês com o objetivo de evitar que isso continue acontecendo. E eu quero agradecer a oportunidade, agradecer por vocês terem me ouvido e fico à disposição.

IVANI BOSCOLO: Daniele, é sua vez. Você já está apresentada. Então, seja bem-vinda.



DANIELE MUÑOZ GIANVECCHIO: Quero falar a vocês sobre o programa de atendimento que nós fazemos no IML (*Instituto Médico Legal*) junto com os profissionais do Hospital Pérola Byington. É o Bem-me-quer, um programa de atendimento multidisciplinar às vítimas de violência sexual. Nós todas aqui fazemos parte desse programa. E por que esse programa foi criado? Qual a finalidade? Vamos pensar em uma vítima de violência sexual. Imaginem uma mulher, uma criança - como as que nós atendemos lá - que acaba de sofrer violência sexual. Como é que ela está se sentindo naquele momento? Muitas vezes está em choque, fragilizada, com medo. Ela tem medo daquele agressor. Como a doutora Mariana falou, muitas vezes o agressor é do convívio social, se não for da família daquela vítima. Então, pai, padrasto,

tio... Em crianças, é muito comum o agressor ser do convívio familiar. A vítima normalmente é uma mulher adulta, que sabe o que está acontecendo. E ela se sente culpada. "Será que eu fiz alguma coisa? Por que isso está acontecendo?". Ela tem vergonha de contar aquilo.

Como a doutora Mariana falou, 10% dos casos são subnotificados. Por quê? Muitas vezes, por causa dessas questões que estou contando. Ela tem vergonha de contar o que aconteceu, tem medo de contar ao marido que foi estuprada, não tem coragem de ir até uma delegacia de polícia denunciar o crime, até mesmo porque o agressor pode voltar a agredi-la e agredir os filhos. Enfim, ela não sabe o que pode acontecer e muitas vezes são ameaçadas. Além de violentadas, são ameaçadas.



Então, essa vítima fica perdida. Precisa buscar ajuda e muitas vezes não sabe onde buscar, onde procurar, o que fazer. Se eu perguntar: imaginem uma vítima de violência sexual, o que ela deve fazer após sofrer violência sexual. Onde ela deve ir? Qual a primeira medida que tem que tomar? Que assistência deve buscar? Então, toda vítima de violência sexual tem que buscar ajuda, tanto no lado da saúde, para tratar, para prevenir doenças, prevenir uma gravidez indesejada e, se for o caso, para tratar alguma lesão que tenha - se estiver sangrando, o médico tem que intervir naquela hora. Algumas vítimas necessitam inclusive de cirurgias, dependendo do ato, dependendo das lesões que ela apresenta.

Ela tem que buscar assistência médica, mas também tem que denunciar o fato. Esse fato tem que ser denunciado porque se não for, vai virar um ciclo, ainda mais se o agressor for conhecido. Ele agrediu uma vez, aquela violência vai ocorrer novamente. Se for um desconhecido ela também

deve denunciar. Porque pode não ser abusada novamente, mas outra pessoa pode ser abusada por aquele indivíduo. Então, é importante que a denúncia seja feita.

E aí, como ela deve proceder? Qual caminho ela deve buscar? A primeira coisa é ir a uma delegacia de polícia. Na delegacia, o delegado vai fazer um registro através de um Boletim de Ocorrência. No mesmo momento, o delegado vai pedir um exame de corpo de delito e aí é que vai entrar o Instituto Médico Legal. Ele vai solicitar um exame de corpo de delito porque ele precisa de provas e uma das provas é a técnica - um médico legista vai fornecer um laudo pericial. Então, ela tem que ir até uma delegacia, vai receber uma requisição de exames e aí tem que ir até o IML. Depois disso, tem que buscar um hospital, exatamente para aquilo que nós falamos agora: para tratamento de emergências, se for o caso, se tiver alguma lesão emergencial, ou para prevenir uma possível gravidez, também se for o caso. Mulheres vítimas de estupro com penetração em vagina, dependendo da idade, vão receber medicação para evitar a gravidez e evitar uma doença sexualmente transmissível.

Além disso, será encaminhada ao ambulatório médico para fazer o acompanhamento - para um psicólogo, se for o caso, e para a assistente social. Então, delegacia de polícia, IML, hospital e depois fazer o acompanhamento. O inverso também pode acontecer. Ela pode ir primeiro no hospital, mas mesmo que ela vá a um hospital, é importante que a denúncia seja feita numa delegacia de polícia. É importante que o delegado tome conhecimento daquele fato para que possa investigar e para que o autor do crime seja realmente punido.

E o que acontece com isso? Vocês acham que, após ter sido abusada sexualmente, uma pessoa tem condições físicas e psicológicas de, sozinha, buscar assistência? "Ah, agora eu vou pegar um ônibus e ir à delegacia". Aí aguarda o atendi-

VOCÊS ACHAM QUE, APÓS TER SIDO ABUSADA SEXUALMENTE, UMA PESSOA TEM CONDIÇÕES FÍSICAS E PSICOLÓGICAS DE, SOZINHA, BUSCAR ASSISTÊNCIA? "AH, AGORA EU VOU PEGAR UM ÔNIBUS E IR À DELEGACIA". AÍ AGUARDA O ATENDIMENTO, ÀS VEZES FICA HORAS, TEM UM FLAGRANTE QUE NÃO PODE ESPERAR, VAI TER QUE FAZER O FLAGRANTE PRIMEIRO. TEM UM INDIVÍDUO QUE VAI SER PRESO, ELA VAI ESPERAR LÁ PARA FAZER A DENÚNCIA. DEPOIS, TEM QUE IR AO INSTITUTO MÉDICO LEGAL. ENTÃO, PEGA O ÔNIBUS DE NOVO, VAI ATÉ O INSTITUTO MÉDICO LEGAL. DEPOIS, VAI PARA O HOSPITAL E ESPERA HORAS DE ATENDIMENTO. VOCÊS ACHAM QUE ESSE CICLO SE COMPLETA?"

Daniele Muñoz Gianvecchio

to, às vezes fica horas, tem um flagrante que não pode esperar, vai ter que fazer o flagrante primeiro. Tem um indivíduo que vai ser preso, ela vai esperar lá para fazer a denúncia. Depois, tem que ir ao Instituto Médico Legal. Então, pega o ônibus de novo, vai até o Instituto Médico Legal. Depois, vai para o hospital e espera horas de atendimento. Vocês acham que esse ciclo se completa? Muitas vezes, então, a vítima não busca o apoio ou busca apenas parte dele. Por que só 10% dos crimes são notificados? Às vezes ela diz: "Eu quero simplesmente evitar a doença, evitar a gravidez e não vou denunciar". Por medo, vergonha, por tudo e por ter que enfrentar toda essa situação. Mas é importante, sim, que a denúncia seja feita. Então, essa vítima precisa do quê?

Essa vítima precisa de ajuda de um familiar, de amigos, de quem puder estar perto e do sistema do Estado. Por isso foi criado o programa Bem-me-quer, que é uma parceria da Secretaria de Segurança Pública com a Secretaria de Saúde. Ele não é do IML nem do Hospital Pérola Byington, é uma parceria entre a Secretaria da Segurança Pública e a Secretaria da Saúde. Nós trabalhamos juntos. Essas margaridas (*referência a um ícone do programa*) não estão aqui por acaso. Elas representam a dignidade daquela vítima. Como a doutora Mariana falou, os crimes contra a dignidade da pessoa - crimes de estupro, de abuso sexual no geral - são crimes contra a dignidade. Quando a vítima chega fazemos o acompanhamento, damos o auxílio, a assistência para que, no final, a dignidade seja resgatada.

Como eu disse, é uma parceria, não é do IML nem do Pérola Byington. O programa é uma parceria da Segurança Pública, que entra com a parte da Polícia Civil, através de investigadores de polícia - e vou dizer já que eles participam do programa - e do Instituto Médico Legal, com médicas legistas. Eu coordeno o programa na parte do IML e a dou-

tora Mariana, que também faz parte do programa nos atendimentos das vítimas da violência sexual. Nós somos da Secretaria de Segurança Pública, do IML. A doutora Ângela já é da parte da Secretaria da Saúde, é do Hospital Pérola Byington.

Então, o programa faz esse atendimento multidisciplinar. São vários profissionais que atuam atendendo a vítima. O programa foi criado em janeiro de 2001. E aí eu pergunto: quem aqui conhecia o programa? Ele foi criado em janeiro de 2001 e nós estamos em 2019. Ele já tem alguns anos, atingiu a maioria e é pouco conhecido. Às vezes o pessoal até entende: “Ah, é vítima de crime sexual? É lá no Pérola Byington”. Por quê? Porque tem o programa Bem-me-quer, com profissionais da Segurança Pública, legistas e investigadores de polícia de plantão no hospital. O hospital se chama Centro de Referência à Saúde da Mulher, mas é mais conhecido como Hospital Pérola Byington.

E como é feito o atendimento da vítima de violência sexual no programa Bem-me-quer? A vítima comparece a uma delegacia de polícia e lá o delegado faz um Boletim de Ocorrência e entrega à vítima uma requisição de exame. Depois, o próprio delegado vai entrar em contato, por telefone, com uma central de atendimento, vai acionar os investigadores de polícia que estão de plantão no hospital. Existem investigadores de polícia de plantão 24 horas por dia para fazer o transporte da vítima. Eles saem do hospital, vão até a delegacia de polícia e trazem a vítima para o atendimento no Pérola Byington usando viaturas da Secretaria de Segurança Pública. Essas viaturas são descaracterizadas e marcadas com a palavra ambulância para a vítima não entender que está entrando numa viatura policial. Esta é a primeira etapa do atendimento.

A segunda etapa é o exame de corpo de delito, o atendimento pericial, feito obrigatoriamente por médicas legistas, mulheres. Isso está no decreto que instituiu o programa. No Rio de Janeiro foi feita

uma legislação semelhante em 2018, mas esqueceram de exigir legistas mulheres para o atendimento. Eu peguei o caso de uma criança que não foi atendida, não foi realizado o exame de corpo de delito porque era um homem que estava de plantão no dia. E aí você perde provas e isso é muito pior.

Aqui em São Paulo a equipe inteirinha é de mulheres. Fazemos o atendimento ininterruptamente, 24 horas por dia, inclusive plantões de Carnaval, Natal, Ano Novo. O atendimento não para. E aí é feita uma abordagem cuidadosa das vítimas - quando entram no programa, todas as médicas são treinadas para atendimento. A médica legista vai fazer o exame pericial e a coleta de possíveis vestígios para que se tente comprovar aquele crime e facilitar a busca do possível agressor.

Nosso local de atendimento dentro do Pérola Byington é independente, não é de livre acesso. Os profissionais do hospital não têm acesso ao IML porque coletamos provas e essas provas não podem estar disponíveis ao acesso fácil de qualquer um. Essas provas estão sob a nossa custódia, nossa responsabilidade.

A outra etapa é o atendimento com ginecologistas, depois do qual a vítima vai passar por uma assistente social e, se for o caso, também por um psicólogo do hospital. É um programa multidisciplinar, portanto, com médica legista, ginecologista, assistente social, psicóloga e, se for o caso, atendimento também no ambulatório, onde a vítima recebe toda a medicação necessária para o tratamento, leva a medicação para casa também.

E qual é a nossa população-alvo? Nós atendemos vítimas do sexo feminino e vítimas do sexo masculino até 14 anos. São, como a doutora falou, os vulneráveis. Depois de 14 anos não atendemos mais lá. E nossa abrangência é a capital de São Paulo, o programa só atende a capital. O investigador de polícia só vai buscar vítimas em delegacias da Capital, não busca no interior.

Uma coisa importante que nós temos dentro do programa - e aí já é parte da Secretaria da Segurança Pública - é o banco de perfil genético de agressores. Em todo crime de estupro que é constatado, mandamos material para o Instituto de Criminalística, onde é extraído o DNA do agressor e colocado em um banco. Então, por exemplo, tivemos o caso de uma mulher estuprada lá no Nordeste e outra estuprada aqui em São Paulo. Nós fornecemos o material para o Instituto de Criminalística e o DNA foi cruzado, mostrando que era o mesmo indivíduo que estuprou lá no Nordeste e estuprou aqui em São Paulo.

Iniciamos esse banco de perfis em novembro de 2015 e foi muito importante para a Justiça. Vou exemplificar com outro caso, de um indivíduo que estuprou várias vítimas. O mesmo perfil genético foi encontrado em 11 vítimas, de 2014 a 2018. Isso foi o que nós encontramos. Ele foi preso por dois estupros, mas na verdade, com esse banco

que está sendo feito, descobriu-se que ele não estuprou duas, estuprou 11. Por sermos um Centro de Referência, somos nós que alimentamos grande parte do banco de perfil genético dos agressores.

Eu gosto de citar que nosso trabalho tem reconhecimento nacional e internacional. A rainha Sílvia, da Suécia, veio nos visitar há dois anos porque soube do programa e quis conhecer, saber como era desenvolvido o trabalho. Em 2014 eu inscrevi o programa num concurso do Banco Mundial sobre trabalhos relacionados com a violência de gênero, concorrendo com 157 países, e conseguimos o primeiro lugar. Apesar desse reconhecimento, muitas pessoas infelizmente não conhecem e não sabem como funciona. O nosso ideal é replicar esse programa em outros Estados, porque isso seria importante para as vítimas.

IVANI BOSCOLO: Agora vamos ouvir a doutora Ângela sobre a parte psicológica.





ÂNGELA LUPO: Eu vou falar sobre violência psicológica contra a mulher. Vou começar com uma frase que eu acho muito boa: “Para as mulheres do mundo inteiro que sofreram abusos, na crença de que o conhecimento trará a compreensão, e a compreensão reconstrói vidas”. O intuito é passar para vocês o que é a violência psicológica contra a mulher, para a gente poder evitar, porque quando a gente se dá conta, consegue mudar a situação.

Este é o conceito de violência psicológica: “É a agressão emocional, invisível, tão ou mais banalizada do que a agressão física, e que traz danos ao psiquismo e à capacidade de tomar decisões”. Então, a agressão à vítima é tão grave que ela fica paralisada, não consegue sair. E o meu alerta hoje, aqui, é para a gente não julgar. Nós vamos falar mais sobre isso, porque é muito difícil sair

da violência psicológica. A violência física deixa marcas físicas e a violência psicológica não, deixa marcas emocionais.

Uma pessoa que sofre agressão psíquica é realmente uma vítima, porque o psiquismo é alterado de maneira duradoura e a vítima normalmente tem dificuldade de perceber. Ela pensa: será que estou enlouquecendo? Será que estou passando por isso mesmo? Ela se questiona, mas eu sempre digo que todas as pessoas têm uma sensação, e a gente sempre tem que levar em conta a sensação. Quando a gente percebe que algo está diferente, conversa com alguém, procura ajuda, não deixa passar, porque é muito sutil a violência psicológica, é difícil explicar e é difícil as pessoas acreditarem.

Eu não sei se vocês conhecem, mas eu vou falar um pouco do Ciclo da Violência. É um ciclo que

ESTE É O CONCEITO DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA: “É A AGRESSÃO EMOCIONAL, INVISÍVEL, TÃO OU MAIS BANALIZADA DO QUE A AGRESSÃO FÍSICA, E QUE TRAZ DANOS AO PSIQUISMO E À CAPACIDADE DE TOMAR DECISÕES”. ENTÃO, A AGRESSÃO À VÍTIMA É TÃO GRAVE QUE ELA FICA PARALISADA, NÃO CONSEGUE SAIR. E O MEU ALERTA HOJE, AQUI, É PARA A GENTE NÃO JULGAR”.

Ângela Lupo

na realidade não para, por isso é tão difícil sair. Eu vou falar um pouco das relações de casal, mas pode acontecer com mãe e filho, no trabalho, com todo tipo de relação. Eu vou falar um pouco de casal porque estamos aqui falando da violência contra a mulher. Normalmente ocorre um aumento de tensão. Nesse aumento de tensão, a mulher fica toda cuidadosa com ele, tem medo de que ele brigue; faz tudo para agradar e tem a sensação de que está controlando a situação, mas na realidade não está. Ela acaba fazendo concessões sexuais para agradá-lo e acaba fazendo um monte de coisas que não quer para evitar algo pior. Só que esse algo pior acontece, que é o ataque violento.

O ataque violento, no caso da violência psicológica, é o xingamento, a humilhação, é colocar para baixo, falar que ela não serve para nada e, no caso de violência física, chega a bater ou cometer outras violências. Então, aquela impressão que ela tinha, de que estava controlando, fazendo de tudo para ele... Ela não estava. Tinha a sensação, só que aí ele vem e ataca, humilha, xinga. E depois disso ele fala que se arrepende, volta tudo ao normal e ela fica desacreditada: “Será que eu realmente estou passando por isso?”. Aí ele faz promessas, ela se justifica. Ela fala: “Ah, mas ele falou que estava nervoso, nervoso com o trabalho, os meus pais não querem que a gente se separe, nós temos filhos”. E aí volta de novo o ciclo e ela fica muito em dúvida sobre quem é aquela pessoa. Essa pessoa é aquele violento ou esse maravilhoso? E ela nunca sai disso. Vamos falar disso mais à frente.

A gente precisa compreender, perceber e pedir ajuda para poder sair dessa situação, porque é muito difícil. As pessoas julgam: “Nossa, ela gosta de apanhar, ela gosta dessa situação”. Na realidade, ela nem enxerga o que está vivendo, está sofrendo, está com a autoestima detonada e está nesse ciclo. É para ficar atento.

O processo perverso torna-se destrutivo com a repetição. Por exemplo: de vez em quando a gente até pode fazer um comentário ruim para o outro, mas a gente se dá conta e pode tentar mudar, mas o ataque perverso é frequente, ele é diário, é a toda hora. É essa repetição que acaba com a autoestima da mulher, que é o ciclo da violência. São ações corriqueiras, a mulher fica em dúvida se é um problema conjugal do casal, normal, que todo mundo tem, mas na realidade não é. Ele parece que é corriqueiro, por isso é muito difícil a pessoa se dar conta de que está passando por aquela violência psicológica.

“O erro essencial da vítima está em não ter desconfiado antes e não levado em conta certas violências sutis e não verbais”, que é o que eu falei: a gente tem que prestar muita importância àquilo que a gente sente. Se percebeu algo de diferente, vai atrás, vai procurar saber, porque a tendência é ficar tentando encontrar uma saída. Só que é confuso, porque numa hora ele está um horror, e de repente está um amor de pessoa. Mas quem é aquela pessoa?

Vou falar um pouco das características do agressor. Eles não sentem compaixão, eles não respeitam o outro, eles manipulam muito, sem nenhum sentimento de culpa, eles invadem muito o território do outro... Eles nunca se questionam. Por exemplo: se a gente tratar mal alguém, porque está nervoso, vai tentar se questionar - “nossa, não agi legal, vou pedir desculpas” -, vai tentar não repetir mais isso, mas eles não. Eles não se questionam, estão sempre certos, sempre têm razão. Eles não têm empatia, não conseguem se colocar no lugar do outro. Eles utilizam argumentos incoerentes, e isso também faz parte do processo de manipulação, de confundir o outro, porque na incoerência você não sabe realmente o que está certo. Uma das formas de levar uma pessoa à loucura é dar mensagem dupla - e é o que eles fazem.

Mentem com frequência, sem problema nenhum, utilizam mensagens indiretas.

Eles usam como mecanismo de defesa a projeção. O que é a projeção? Por exemplo: eu me sinto burra, então eu vou falar: ah, você é burra. Então, o que eles sentem, eles jogam no outro. Eles cometem o erro, entre aspas, mas eles falam: você é quem está errada. Eles não conseguem se dar conta disso. Eles têm a necessidade de controle e de poder - e eu acredito que todos os tipos de violência têm a ver com o poder, com o controle. Eles sempre têm razão, são donos da verdade. É mais ou menos isso. Eles são narcisistas normalmente, não se dão conta de nada. É por aí.

Agora, as características da vítima: são normalmente mulheres supertolerantes, com baixa autoestima por algum problema que viveram na infância. São pessoas que normalmente são capazes, mas têm a autoestima muito baixa, então têm propensão a entrar nesse tipo de relação. São conscienciosas - e o fato de serem conscienciosas evita que tomem uma decisão e falar: “Ah, mas será que sou eu que estou errada? Será que é realmente isso que está acontecendo?”. São suscetíveis a sentir culpa.

Sempre falo para minhas pacientes: se você tem uma relação em que você sente culpa a maior parte do tempo, tem algo errado aí, porque a relação é para ser leve. A gente tem problemas nas relações, mas não dá para ficar sentindo culpa o tempo todo e normalmente as mulheres se queixam do sentimento de culpa. “Será que estou errada?” Porque eles normalmente usam o mecanismo de defesa que é a projeção. “Você que é culpada”. Ela tenta se questionar, só que ele não questiona, ele joga para o outro. Ela normalmente tem capacidade de justificar e perdoar, eu acredito que elas sejam bem resilientes.

Vou falar do processo de sedução. A vítima é escolhida pelo agressor. É difícil para a mulher

que está nessa situação acreditar, mas ele escolhe, ele vê uma pessoa que tem autoestima ruim, que vai entrar nesse jogo e ela é escolhida. Ela tem algo que ele não tem. Na realidade, o objetivo do perverso é perverter o outro. Só que eles não conseguem e aí, quando não conseguem, a agressividade vai aumentando. As relações se iniciam com charme, com sedução e podem terminar em cenas aterrorizantes de psicopatia.

Eu não sei se vocês assistiram àquela série *Dirty John*. Alguém assistiu? É bem difícil, porque ele faz isso, ele seduz, ele vai confundindo e chega uma hora a família dela quer ajudar e não consegue. Ela fala: “Ah, mas coitado, ele só tem a mim”. Mas ele é muito perverso. Muito. Depois, passada a fase da sedução é que começa o ciclo da violência. Então, é assim, a mulher não entra porque ela gosta de sofrer, gosta de apanhar. Ela entra porque ela foi seduzida, ela foi manipulada e depois a cabeça dela foi confundida. Ela não sabe quem é aquela pessoa, se é aquela maravilhosa ou aquela outra pessoa horrível?

Eles são sutis, podendo parecer que é um problema do casal, mas na realidade é uma violência psicológica. Eles conseguem paralisar a vítima. Com esse ciclo da violência, ela fica paralisada, porque ela vive numa montanha russa emocional, um dia está bem, noutro não está. Ela tenta agradecer e não consegue, perde o controle. E ele agride e assim vai. E ele faz de tudo para ficar tudo bem. Ele consegue anular a capacidade de defesa e do senso crítico da vítima. Ela realmente perde a noção de que está passando por uma violência. Tanto que, na série, ela parece anestesiada, porque ela vai levando, ela está sofrendo e não consegue sair daquilo; ele vai seduzindo, manipulando, e ela entra. E aí vocês vão ver o final. É complicado.

Anestesia o desejo do outro. Então, é assim: a mulher vive sem o desejo dela, sempre aceitando tudo o que ele quer, sempre cedendo para poder

agradá-lo, para ele não ter um ataque violento. Isso também serve para a violência física - a gente está falando da psicológica, mas acredito que a psicológica, chega um momento que ela fica física, vai aumentando quando ele percebe que vai perdendo o controle sobre a mulher. Caso ela reaja, vai culpá-la por ser a geradora de conflito. Então, não existe diálogo, ele decide e pronto. E se ela resolve questionar alguma coisa, é a culpada, é a geradora de conflito da relação. E quando ela se torna passiva demais, desenvolve um processo de autodestruição com ela mesma.

Agora vamos aos tipos de violência. O **abuso econômico** pode ser quando ele a impede de trabalhar, quando ameaça que ela vai ficar sem teto e sem comida, quando ele troca algum benefício econômico pela relação sexual, quando faz dívida no nome dela, quando começa a endividar o casal. Isso é abuso econômico. Eles coagem, ameaçam, isso faz parte. Muitas vezes as ameaças são muito sutis. Fica difícil perceber, mas a mulher se sente muito mal.

No **abuso emocional**, eles intimidam. Por exemplo, ela está com o cachorro do lado, ele chuta o cachorro e fala assim: “Você pode ser a próxima”.

O **abuso social** é quando ele tenta tirar todas as pessoas de perto dela. “Ah, sua família não presta, os seus amigos, aquela sua amiga não sei o quê”, e ele vai afastando todo mundo, e quando ele consegue isolar, tem o poder. Ele minimiza. Vamos supor que ela fale “isso está me incomodando”. Ele diz: “Ah, isso aí não é nada” e vai desqualificando, e tudo o que ele faz é grande e tudo o que ela faz é muito pequeno. Nega, sempre está negando, está culpando a vítima. Eles podem utilizar os filhos como arma e isso é uma coisa bem complicada também, aí a mulher acaba ficando para proteger os filhos.

Utilização de privilégios masculinos, que é uma coisa cultural. Exposição pública: é o que a

doutora Mariana estava falando, de expor vídeos, fotos. Aí ele fala: “Se você não ficar comigo, eu vou expor essas fotos para todo mundo”.

O **controle coercitivo** é tipo uma lavagem cerebral, por isso ela não sai da relação, porque ele consegue domínio através de todas essas técnicas que usa, é tudo racional, tudo pensado. Quem se relaciona com esse tipo de gente não acredita, mas é tudo pensado, a vítima é escolhida. Ele isola a vítima, porque assim ela não tem contato com ninguém, não pode pedir ajuda e aí ela fica na relação. Ele monopoliza a percepção. O ataque à percepção também é uma forma de violência. Ela fala “minha blusa é branca” e ele diz: “Não, é vermelha. Não está vendo? Você está louca? Olha como você está louca. Eu vou falar para todo mundo”. Aí é uma tentativa de ataque à percepção.

Fraqueza induzida: eles privam a pessoa de sono, de alimentação. Às vezes, ele fala: “Ah, você tem que ficar acordada, me esperar para jantar”. Aí a mulher fica supercansada, fica doente.

Há também as **ameaças**. O controle coercitivo são todas essas coisas juntas. E as **indulgências ocasionais**, quando eles exigem certas coisas pequenas, por exemplo: “Eu não quero a cadeira nessa posição, tem que deixar na outra”. São coisas pequenas que depois vão levando a grandes coisas.

Demonstração de onipotência: ele é o máximo, ele sabe tudo - o que na realidade é uma defesa contra o sentimento de inferioridade que ele tem. A questão do, vamos chamar de agressor, a gente sabe que tem a ver com a infância dele, com a família, de tudo o que ele viveu, mas a questão é na relação do casal e nenhuma mulher merece passar por isso. São coisas diferentes. Degradação, exigências insignificantes e todas as ações são executadas de forma recorrente. Para a mulher que está nesse ciclo de violência de abuso psicológico, todas essas ações são recorrentes,

isso é sempre, todos os dias.

Consequências da violência psicológica: a mulher se sente desamparada, sente dor e angústia, sentimento de ter sido explorada. Normalmente, quando elas conseguem sair da relação sentem que foram exploradas e sentem culpa por isso. “Como eu me permiti ter passado por isso?”.

Falta de energia: é muito gasto de energia ter que prestar atenção em tudo que eles exigem. Perda da autoestima, da dignidade, do respeito. Porque na violência psicológica tem a violência sexual também, muitas vezes eles exigem. Aqui foi bem difícil falar só sobre a violência psicológica, porque sempre tem outras coisas envolvidas. Eu tentei me ater à violência psicológica, mas eu acredito que chega uma hora que tem agressão física.

O **sentimento de culpa** faz com que ela fique na relação, ela é a culpada, então ela tem que fazer alguma coisa para resolver aquilo. Também há a dificuldade de concentração, a vergonha, o sentimento de derrota, a ansiedade. E aí vêm os transtornos psiquiátricos, que podem causar depressão, que também tem a ver com a falta de energia.

Doenças psicossomáticas: são as doenças causadas pela emoção. Por exemplo: eu tenho muita dor nas costas porque é como se fosse muito pesado carregar tudo isso. Muita infecção urinária, que é uma forma também de não ter a relação sexual, mas são doenças verdadeiras, causadas pela emoção.

Dissociação. A dissociação a gente vê muito na violência sexual. As pessoas chegam como se aquilo não fosse com elas, estão contando uma história. Às vezes você percebe que elas nem demonstram sofrimento, porque é como se elas estivessem contando uma história do filme, do Dirty John. Até para contar aquela história é difícil, mas é assim, elas dissociam, elas saem da realidade,

que é um mecanismo de defesa, é uma forma de elas se protegerem do sofrimento, porque o sofrimento é tão intenso que elas têm que se proteger.

O **TEPT** é o **Transtorno do Stress Pós-traumático**. As vítimas de violência chegam muito com o TEPT, um conjunto de sintomas que a pessoa tem por um tempo depois de sofrer alguma violência, uma catástrofe, um acidente, medo, flash back, começa a voltar a cena na cabeça, pesadelo, insônia, depressão, ansiedade, que são os sintomas do TEPT.

Transtornos alimentares. Álcool também, tem muita mulher que acaba usando álcool, que é um ansiolítico. É um depressor, mas dá uma acalmada no começo. Então, a mulher fica detonada.

O que é importante para a gente: como encerrar esse ciclo de violência? Primeira coisa é reconhecer, por isso que eu tentei fazer todo um apanhado dos sintomas, do perfil do agressor, porque quando a gente reconhece, é difícil, mas é a primeira forma para sair da violência, é o reconhecimento. E muitas vezes as mulheres passam por agressão sexual também e não se dão conta. Elas falam: “Ah, é meu marido, eu tenho que fazer, né?”. Tem muita mulher que fala isso. Normalmente ela é muito assustada, então a gente pede para ela agir sem temer esse conflito, porque o conflito vai haver sempre com eles. Então, tem que agir. E aí buscar a rede de apoio que é a família, amigos, serviço de saúde mental, tem que procurar ajuda. A mulher sozinha não sai desse tipo de relação, é muito difícil.

Intervenção da Justiça e contato zero. Principalmente quando não tem filhos, de preferência contato zero, porque a tendência de aquela mulher entrar naquele ciclo da violência de novo é muito fácil. A gente tem a Lei Maria da Penha, que tem um item que fala sobre a violência doméstica familiar contra a mulher, são formas de

violência doméstica familiar e outras, a violência psicológica. Então, a gente tem uma lei que protege. Eu acho que a gente tem que denunciar, sim, sempre. Eu coloquei aqui o DISK 180, ali mostra a mulher com agressão física e aqui com a agressão psicológica. Ali dá para ver, aqui você não vê, está dentro dela. Coloquei essa frase que eu acho que é muito boa: “A violência, seja qual for a maneira com que ela se manifesta, é sempre uma derrota”.

IVANI BOSCOLO: Quero agradecer muito a presença de vocês, foi sensacional. Festejamos o Dia internacional da Mulher com muita garra e com uma discussão muito boa. Muito obrigada. E eu passo a palavra para a Alda fazer o encerramento.



ALDA MARCO ANTONIO: Obrigada, Ivani. É uma alegria tão grande que estou sentindo, porque a gente teve aqui uma tarde com a conjunção de alguns fatores importantíssimos. Nós estivemos aqui com três cientistas, mulheres excepcionais. Eu quero agradecer demais a presença de todos. Vão ficar dentro dos nossos corações, das nossas mentes, essas três mulheres maravilhosas que vieram colaborar conosco e tenham certeza, agora somos guerreiras das causas que vocês três tão bem levam - duas policiais, uma psicóloga, com muita honra para nós. Podem ter certeza: nós estamos muito orgulhosas de vocês. Muito obrigada.



Presidente
Alfredo Cotait Neto

Coordenador Nacional
de Formação Política
Raimundo Colombo

Coordenador Nacional
de Relações Institucionais
Vilmar Rocha

Secretária
Ivani Boscolo

Diretor Superintendente
João Francisco Aprá

Conselho Consultivo

Presidente
Guilherme Afif Domingos

Conselheiros
Alda Marco Antonio
André de Paula
Cláudio Lembo
Georgiano Neto
José Paulo Cairoli
Otto Alencar
Ricardo Patah

Conselho Superior de Orientação

Presidente
Gilberto Kassab

Conselheiros
Belivaldo Chagas
Carlos Massa Ratinho Junior
Diego Andrade
Domingos Aguiar Neto
Guilherme Campos
Letícia Boll Vargas
Omar Aziz
Robinson Faria
Samuel Hanan

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS - Coleção 2019 - "Os novos crimes sexuais e a violência psicológica contra a mulher"
ESPAÇO DEMOCRÁTICO - Site: www.espacodemocratico.org.br Facebook: **EspacoDemocraticoPSD** Twitter: **@espdemocratico**
Coordenação - Scriptum Comunicação - Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)
Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas - Fotos - Scriptum e Shutterstock



www.espacodemocratico.org.br